



***PAIXÃO E DÚVIDAS: UM RELATO DAS ANGÚSTIAS VIVIDAS NA  
EDUCAÇÃO INFANTIL AO SE FALAR EM GÊNERO***

***PASIÓN Y DUDAS: UN INFORME DE LAS ANSIEDADES VIVIDAS EN  
LA EDUCACIÓN INFANTIL AL HABLAR DE GÉNERO***

***PASSION AND DOUBTS: A REPORT OF THE ANXIETIES LIVED IN  
CHILDHOOD EDUCATION WHEN SPEAKING OF GENDER***

Isis Marques Potes<sup>1</sup>

**RESUMO**

O presente texto foi produzido tendo como inspiração o dia a dia de uma professora e seu fazer pedagógico. O objetivo do mesmo é narrar as angústias e reflexões sobre a prática escolar de uma professora da Educação Infantil, que recebe um aluno novo com algumas características, explicitadas pela mãe, como diferentes. Diferentes como!? Isso vamos descobrir no decorrer da leitura a partir da descrição do cotidiano desta professora. O texto tem como pano de fundo para esse relato as discussões de gênero na escola e traz algumas evidências de como a mesma está sendo vista e trabalhada nas escolas.

**PALAVRAS-CHAVES:** Educação Infantil. Gênero. Prática docente.

**RESUMEN**

Este texto fue producido tomando inspiración de la vida diaria de un maestro y su práctica pedagógica. El objetivo es narrar la angustia y las reflexiones sobre la práctica escolar de un maestro de primera infancia, que recibe a un nuevo alumno con algunas características, explicadas por la madre, como diferentes. ¿Diferente cómo? Esto lo descubriremos en el curso de la lectura de la descripción de la vida diaria de este maestro. El texto tiene como trasfondo para este informe las discusiones de género en la escuela y aporta evidencia de cómo se ve y se trabaja en las escuelas.

**PALABRAS-CLAVE:** Educación de la primera infancia. Género. Práctica docente.

<sup>1</sup> Mestranda em Ciência e Tecnologia na Educação – IFSul, Pelotas, RS, Brasil.

## ABSTRACT

This text was produced taking inspiration from the daily life of a teacher and her pedagogical practice. The objective is to narrate the anxieties and reflections on the school practice of a teacher of Early Childhood Education, who receives a new student with some characteristics, explained by the mother, as different. Different how !? This we will discover in the course of reading from the description of this teacher's daily life. The text has as a background for this report the gender discussions in the school and brings some evidence of how it is being seen and worked in schools.

**KEYWORDS:** Early Childhood Education. Genre. Teaching practice.

\* \* \*

Quem é que pode me entender  
 Eu quero cantar, brincar, crescer  
 Os meus direitos quem me diz?  
 O meu dever é ser feliz  
 Eu não quero violência não  
 Eu quero proteção carinho e aconchego  
 Quero pintar e rabiscar no chão  
 Um sol, um coração ou um grande segredo  
 Vou criar um mundo colorido  
 A vida tem sentido e se eu quiser chorar  
 Quero abraço, beijo, ser amado e não discriminado  
 Eu quero é cantar  
 Rodrigo Xavier – Grupo Kazu

## Introdução

Quais são os desejos de uma criança? O que ela teme? Quais são seus sonhos? Ao entrar na escola, ao participar das atividades na Educação Infantil será que os professores priorizam as respostas destas perguntas em seus planejamentos? Os documentos que norteiam a prática pedagógica pedem que sim, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nos nomeia os Direitos de Aprendizagens, dando base à prática docente.

Neste sentido, o presente texto traz um relato de algumas angústias vivenciadas por uma professora durante sua prática pedagógica. Angústias essas desencadeadas justamente por tentar garantir esses direitos dentro de sua prática, direitos que não estão somente explícitos na BNCC, mas sim no simples direito de viver a vida, direito de a criança poder ser criança sem discriminação. E a necessidade desse desabafo se

originou pelo modo de ser de um menino muito especial, que veio fazer parte do grupo de alunos desta professora, já lá no meio do ano letivo de 2019.

A partir da leitura, vocês irão conhecer um pouco deste menino, suas vivências junto aos colegas na escola, assim como o pincelar de algumas atividades desenvolvidas em sala de aula. O relato tem como objetivo narrar às preocupações da professora, focando em suas emoções, como forma de pensar e repensar a prática docente, não só na Educação Infantil (na qual a história acontece), mas também nas demais modalidades de Ensino.

Primeiramente é relatada sua inserção na turma, posteriormente a atividade que veio a desacomodar os docentes da escola, proporcionando uma grande reflexão sobre gênero na instituição, finalizando com o relato das discussões realizadas.

Portanto, convido a todos para neste momento desacelerar e viajar nessa história, repleta de amorosidade e reflexões.

### **O início de uma paixão...**

Eis que as atividades do ano letivo estavam em andamento, pois o calendário datava a chegada do 2º Semestre. A turma já havia trabalhado diversos assuntos, como: amizade, solidariedade e respeito; num emaranhado de histórias, brincadeiras, papel, tinta e diferentes vivências. Afinal nem só de temas pedagógicos (letras e números) se faz o dia a dia de uma sala aula, temas que façam os alunos pensarem em sua atuação na sociedade também se fazem necessários, até mesmo com os pequenos.

A professora até o momento se dizia “expert” nisso, em trabalhar os diferentes temas transversais, temas esses que atravessam o fazer pedagógico, muitas vezes sem pedir licença e que hoje precisam ser enxergados.

Os Temas Transversais caracterizam-se por um conjunto de assuntos que aparecem transversalizados em áreas determinadas do currículo, que se constituem na necessidade de um trabalho mais significativo e expressivo de temáticas sociais na escola. Alguns critérios utilizados para a sua constituição se relacionam à urgência social, a abrangência nacional, à possibilidade de ensino e aprendizagem na Educação Básica e no favorecimento à compreensão do ensino/aprendizagem, assim como da realidade e da participação social. São temas que envolvem um aprender sobre a realidade, na realidade e da realidade, preocupando-se também em interferir na realidade para transformá-la. (HAMZE, 2020, p. 1)

E no meio desse vai e vem de discussões sobre: meio ambiente e sua conservação, saúde e o viver bem, multiculturalismo e, como o próprio nome diz, suas diversidades, em uma manhã, aparentemente normal, chega uma mãe para conversar com a professora, pois um novo aluno estava chegando para completar o grupo.

Mal sabia a professora que a partir deste momento seu olhar para o fazer pedagógico mudaria completamente. Muita troca de informações, várias perguntas, várias respostas, risadas, a entrevista estava finalizada. Como de costume a professora faz o questionamento: tem alguma coisa que você ache importante que eu saiba sobre seu filho que não cheguei a perguntar? A resposta vem rápida e objetiva: “Sim, ele gosta de vestir roupas de meninas e brincar de bonecas, mas não tem problema, é por que foi criado só por mulheres e não possui nenhuma referência masculina”. A pulga foi lançada atrás da orelha da professora.

Nos pensamentos da professora ficaram as inquietações: por que chamar atenção a esses detalhes? Será que a mãe desconfia da questão de gênero de seu filho? Se desconfia, será que aceita? Mas uma coisa era certa, para a professora naquele momento nada importava, era um aluno novo que estava chegando e ela já estava ansiosa por sua chegada.

No dia seguinte lá estava ele. Lindo, cheiroso e muito carismático. Uma criança amada e muito bem resolvida, que logo se integrou à turma e já começava a aprontar com a mesma. A professora já estava apaixonada. Realmente, como a mãe havia relatado, suas preferências iam de encontro com o que a maioria das meninas brincavam, mas isso nunca foi problema para o grupo, já que ali todos tinham a liberdade de brincar com o que desejassem. E a professora por diversas vezes instigava, incentivava essa troca.

Meninos e meninas que desempenham diferentes papéis em brincadeiras – pais, filhos, super-heróis, bandidos, caminhoneiros, bombeiros, caixas de supermercado, etc – acabam desenvolvendo melhor suas habilidades emocionais e o poder de criação. (SILVA, 2020, p. 02)

E nessa turma em específico, os momentos livres em sala de aula nem sempre eram tão livres, pois a professora em sua prática gostava de combinar com os alunos com o que iriam brincar nos diferentes dias. Nem todo dia era dia de brincadeiras com carrinhos, nem todo dia era dia de brincar com panelinha e essas escolhas sempre eram

feitas para e com a turma, proporcionando assim a vivência de todos com os brinquedos do dia. Sem censuras, sem chamar atenção, apenas despertando o prazer e a ludicidade.

Agora se faz importante ressaltar que

Os frutos de toda atividade criadora, no entanto, pertencem à fantasia já madura, ou seja, a imaginação se desenvolve conforme o sujeito amadurece, no entanto, ela só ocorrerá em sua forma mais elaborada a partir do acúmulo de conhecimento que o sujeito formar sobre seu meio. (ARCE, 2011, p. 59)

Então, nada mais importante que brincar, brincar e brincar. As semanas foram passando e alguns costumes iam sendo revelados. Como ainda fazia frio, o uso de mantas era comum, mas ele a usava de forma diferente, amarrada na cabeça, deixando sempre uma ponta mais comprida que a outra. Seus olhinhos corriam sempre para professora, como se pedisse sua aprovação, que sempre era dada através de um sorriso, um certinho com a mão ou até mesmo a simples frase: “Estás lindo!”.

Em determinados momentos ele se transformava em princesa, onde já tinha até um nome (que não era de nenhuma princesa de contos de fadas já conhecida), no início as colegas questionavam: “Profe, ele disse que é a princesa Fulana!?” A qual sempre respondia: “Ele pode ser o que ele quiser”. Não precisou de muitos momentos desses para a professora perceber que a forma de tratamento entre eles estava mudando, embora nunca tenha sido maldosa. Principalmente ao se deparar com um colega (menino) fazendo a seguinte pergunta: “Professora, a senhora viu onde foi a minha amiga, aquela que usa a manta amarrada na cabeça?”.

A cabeça da professora estava confusa. Mesmo depois de várias leituras, participação em cursos, escuta de palestras, ela tinha dúvidas de como agir, será que devia novamente conversar com a mãe sobre o assunto? Será que a mãe não iria ficar constrangida, ofendida? Então, começa a troca de ideias com os colegas professores e também com alguns membros da equipe diretiva. Porém, as falas eram sempre muito parecidas: “Deixa isso, é criança, daqui a pouco para de agir assim”. Ou então, “Você está vendo coisa, estas te preocupando demais”. Eles até poderiam estar certos, mas o que angustiava a professora era o fato dele se ver menina e com o passar do tempo ser vítima de preconceitos, pois não iria estar para sempre inserido nesse mesmo grupo, que lhe acolhia com tanto carinho, sem questionamentos.

## O desacomodar necessário...

Chegou, então, o mês de outubro, e com ele a tradicional festa a fantasia na escola. Foi a oportunidade que a professora precisava para desacomodar a todos os envolvidos no processo educativo. Todos estavam felizes e corriam pelo pátio, ali havia palhaços, piratas, bailarinas e bonecas. E ele estava fantasiado como um bravo super-herói, que entre uma ida e outra ao baú de fantasias virou fada, borboleta e tudo que fosse muito colorido, sempre com o auxílio das colegas que se divertiam com a situação, pois também trocavam de fantasias, até alguns amiguinhos se arriscaram a usar coroas e varinhas de condão. No meio de toda essa brincadeira muitos registros foram feitos, de todos e com todos, em todos os momentos.

O registro fotográfico pode ser o meio pelo qual documentamos informações importantes de situações que nos possibilitam construir uma reflexão da ação educativa. Nesse exercício, o registro fotográfico tem fundamentalmente uma outra forma de “escrever” sobre o vivido, documentar memórias que somam com seu texto estético e sensível para a nossa maior capacidade de compreensão da docência na educação infantil, e para além dela. (PEREIRA, 2015, p. 04)

E assim após muitos “clicks” que evidenciaram o que alguns olhos não queriam ver. A festa acabou e uma nova semana se iniciou e as atividades seguiram tranquilas nas turmas da Educação Infantil. As fotos desta festa, assim como as de todas as atividades realizadas pela turma durante todo o ano letivo, foram postadas em rede social na internet, pois os pais autorizaram o uso de imagem de seu filho (e postagem na rede social) já lá no início do ano letivo, quando são realizadas as entrevistas/conversa com os responsáveis.

A partir desse momento, alguns membros da escola conseguiram enxergar as preocupações da professora, o diálogo sobre as questões de gênero, tão esperado por ela, parecia já ter data próxima a acontecer. Mas antes disso, as fotos da festa foram bloqueadas na internet e a pauta da conversa era somente poupar a professora de possíveis constrangimentos e processos por estar expondo ao ridículo um de seus alunos. Mas que ridículo era esse!? Se ali naquele momento todos estavam se divertindo juntos e, o mais importante, felizes.

Tanto se tem discutido nas formações continuadas sobre o protagonismo infantil dentro do seu processo de escolarização e onde estava o direito desta criança vivenciar os personagens que mais gostava!?

Garantir o direito de participar implica dar protagonismo para as crianças em seu processo de aprendizagem, envolve planejar vivências nas quais possam decidir e escolher suas brincadeiras, com quem brincar, do que brincar, como brincar. Mas, envolve também, planejar o cotidiano e os diferentes contextos de aprendizagens de forma que elas tenham condições de exercer sua autonomia, construir um ambiente seguro com vínculos estáveis que permitam se sentirem confiantes em suas escolhas e decisões. (CECÍLIO, 2019, p.03)

E é na Educação Infantil, primeiro espaço de socialização fora da família, que a criança tem o espaço para mostrar suas vontades e desejos, ser vista e reconhecida como um sujeito crítico em formação.

Na educação infantil as crianças podem passar a maior parte do tempo em contato com outras crianças. É nessa relação singular que o protagonismo da criança ganha destaque e que a potencialidade do convívio, em suas diversas formas de relações, pode propiciar uma nova interação. Trata-se de um universo com características próprias, voltadas para crianças pequenas. Uma formatação com espaços, tempos, organizações e práticas construídos no seio das intensas relações entre crianças e entre crianças e adultos. (VIANNA, 2009, p. 03)

Então, o desejo de deixar a criança ser apenas criança, sem rótulos, não é coisa da cabeça de uma professora que quer proporcionar bem estar aos seus alunos, essas ideias estão presentes nos documentos a serem estudados e colocados em prática pelos docentes.

As interações e brincadeiras, eixos norteadores das práticas pedagógicas na Educação Infantil, propostos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010), os direitos de aprendizagens: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se, normatizados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), estavam ali, ou será que não estavam!? Eis que a pulga atrás da orelha já estava se transformando em um elefante.

Antes mesmo deste episódio, ele já havia relato a professora que tinha “tias” que não gostavam de vê-lo no pátio da escola com tiaras de aniversário ou brincando com

algo que não fosse dito masculino, o que era normal dentro da sala de aula. Como agir, o que falar!?

Não é fácil ver uma criança pequena tendo que policiar seus gostos para não desagradar os adultos. E quanto ao dia a dia da escola, quanto aos diferentes registros feitos, o que pensar? Não mais registrar? Registrar somente o que parece normal perante o julgamento de terceiros? Limitar a criança para que assim possa ser registrada sem medos ou deixá-la ser o que quiser, porém sem registros? Que complexas reflexões não acham?

Essas questões nos trazem dois pontos para refletir, o primeiro ponto seria o registro fotográfico como forma de documentação no qual

Pensamos que a documentação pedagógica é sobretudo uma maneira de ouvir as crianças, de modo a compreendermos o que elas têm a nos dizer sobre a forma como estão vivenciando a infância, como se relacionam com o meio social, como elaboram suas hipóteses sobre as coisas. Assim temos a possibilidade de conhecer seus pontos de vista, seus ensaios, e maior facilidade de elaborar condições favoráveis para a vivência delas no cotidiano educativo. (PEREIRA, 2015, p. 05)

E o outro ponto seria a interferência dos adultos no ato de ser criança das crianças. Afinal até onde se faz necessário ditar um comportamento a ser copiado, tido como adequado e quais seriam esses comportamentos?

A experiência de meninas e meninos na educação infantil pode ser considerada como um rito de passagem contemporâneo que antecipa a escolarização, por meio da qual se produzem habilidades. O minucioso processo de feminilização e masculinização dos corpos, presente no controle dos sentimentos, no movimento corporal, no desenvolvimento das habilidades e dos modelos cognitivos de meninos e meninas está relacionado à força das expectativas que nossa sociedade e nossa cultura carregam. Esse processo reflete-se nos tipos de brinquedos que lhes são permitidos e disponibilizados: para que as crianças "aprendam", de maneira muito prazerosa e mascarada, a comportar-se como "verdadeiros" meninos e meninas. (VIANNA, 2009, p. 03)

E será que é isso que realmente queremos ao trabalhar com crianças!? Ensiná-los como devem se comportar, em que forma devem se encaixar? É esse o papel da escola?

Toda essa confusão e reflexão a partir da festa, das fotos para a professora foi muito pertinente, pois assim pode ter a certeza que a conversa com a família era

necessária, e agora não mais precisava buscar o apoio de outros profissionais, que até o momento vinham se esquivando do diálogo.

### **O acomodar das angústias...**

Tudo foi tão simples, cheio de amorosidade, mãe e professora conversaram por um instante, não precisou nem de muito tempo. As fotos foram revisitadas, para a mãe não representavam nada além de seu filho, que era extremamente amado, por ela e por todos que o rodeavam. Não era preciso dar nome a nada, só saber quais as emoções ali estavam presentes. E essas eram as melhores.

Deste instante em diante, a professora buscou intensificar seu trabalho, há anos já realizado, focado nos valores humanos, no autoconhecimento (formação de identidade), ou seja, um trabalho voltado para o bem estar e o bem conviver, afinal é preciso estarmos emocionalmente equilibrados para nos sentirmos bem nos diferentes ambientes que frequentamos, neste caso a escola, e isso se dá a partir dos diferentes tipos de relações que construímos ao longo de nossa história. Mas ao se trabalhar com valores é importante levantar algumas considerações, como pensar se esses valores que questionamos, que evidenciamos são somente nossos ou do coletivo atual.

A necessidade ou importância dos valores humanos já está presente, porém, não há uma discussão conceitual e pedagógica em torno dos mesmos. Como reflexo disso, o que vemos acontecer em muitas escolas é justamente um conflito gerado pela imposição de um conjunto de valores considerados “bons”, contra valores “ruins”, ou, dito de outra forma, valores que professores tem de sua história de vida e pretendem reproduzi-los no contexto dos seus alunos, de décadas diferentes, com culturas em transição, no caldeirão de estímulos midiáticos e tecnológicos da segunda década do século XXI, ou seja, com certo exagero, valores de dois mundos muito diferentes, não apenas física ou materialmente diferentes, mas especialmente diversos na percepção, nos valores! (FILHO, 2015, p. 04)

Por isso, faz-se necessário pensar no que e pelo que estamos trabalhando. Neste caso, em particular, estamos falando de gênero/sexualidade/ser criança, e já podemos observar o conflito existente entre os valores tidos como certo e errado e que influenciam diretamente no bem estar dentro da escola.

Não cabe aqui o julgamento e a tentativa de achar culpados para o surgimento de tais pensamentos, pois na escola se encontram muitas culturas, diferentes olhares,

distintos modos de viver a vida. O que sabemos é que a discriminação e o preconceito estão impedidos de ultrapassar seus muros, venham de onde vier.

Mas essa turminha em que o menino se encontrava era, particularmente, muito especial, pois mesmo tão pequenos sabiam lidar com as mais diferentes diferenças (que eram muitas existentes nesta turma). Então porque os adultos colocavam tantos empecilhos nessas relações!?

Dezembro chegou, as discussões fora da sala de aula foram tímidas pra não dizer nulas, mas dentro dela fervilhavam reflexões. Sempre nos lembrávamos dos diferentes trabalhos realizados dentro da sala como as atividades com o livro Tudo bem ser Diferente, de Todd Parr, assim como as com o Livro da Família do mesmo autor. Durante as discussões era nítido o entendimento de todos os alunos quanto as mais diferentes diferenças, e isso não acontecia só na fala, mas também nas ações.

Tanto foi o empenho das crianças nessas atividades que o texto de abertura da turma na apresentação de fim de ano foi o seguinte:

“A turma traz uma coreografia para música Lua de Cristal, com o objetivo de apresentar a todos um pouco do que foi trabalhado durante o ano, em cima das temáticas: valores humanos e diversidade. O respeito para com o outro foi em todos os momentos motivo de reflexão, pois como nos disse Todd Parr em um dos livros trabalhados: “Tudo bem ser diferente, você é especial e importante apenas por ser como você é”. Nossa turminha com certeza tem isso guardado em cada coraçãozinho, pois sabemos que “todos somos um, e juntos não existe mal nenhum”.”

Assim, os últimos dias de aula se aproximavam e mesmo com o trabalho sobre as emoções e sentimentos que motivam a data, toda criança espera ansiosa pela chegada do Papai Noel, nessa turminha não podia ser diferente. Escrevemos uma carta coletiva e pedimos para o porteiro da escola colocar no correio expresso que conhecia e ter a certeza que o bom velhinho receberia a carta rapidamente.

Como o correio era expresso realmente, no outro dia recebemos uma surpresa, quando menos esperávamos chega até nossa porta um saco vermelho enorme e ao nos entregarem o saco, falaram que havia caído do céu após um barulho bem forte passar sobre a escola.

Vocês não imaginam o brilho no olhar de cada criança, radiantes diziam: “Eu nem acreditava mais em Papai Noel”, “Ele existe de verdade”. No saco havia caminhões e bonecas, brinquedos esses comprados pela professora e sua tia, bem grandes para realmente chamar a atenção de todos, indo contra toda discussão de gênero traçada até

aquí, mostrando a dificuldade de se fugir dos estereótipos, mas com a certeza de que os presentes iriam agradar a todos.

Todos muito felizes foram pegando o que lhe cabia de fato: as meninas pegavam as bonecas e os meninos os caminhões, pois

O ser humano nasce como um livro cujos capítulos foram parcialmente escritos. A natureza escreveu uma parte, o ambiente se encarrega do resto. Alguns capítulos vieram mais preenchidos que outros. Não há educação ou patrulha ideológica que consiga mudar certas inscrições da natureza. (NARLOCH, 2017, p. 01)

E isso não pode ser considerado errado ou ruim, justamente levando em consideração essa afirmativa que ali dentro tinha mais uma surpresa, uma pequena boneca para completar o presente de nosso amigo especial. No primeiro momento ele relutou, mesmo as mãozinhas querendo dizer que sim, mas depois os amigos incentivaram e tudo virou festa. Ele tinha um caminhão e uma boneca para dirigir o mesmo.

Dias depois a professora escuta o relato de uma mãe que em casa questionava o presente do colega de sua filha. O diálogo relatado aconteceu mais ou menos assim: “Filha porque ele ganhou uma boneca? Ué, porque ele gosta né, mãe!”. Resumindo de forma simples que todo trabalho realizado floresceu e deu frutos, existe coisa melhor!? Pois a resposta da criança surge sem nenhum julgamento.

Somente quando as aulas finalmente acabaram que a professora teve a oportunidade de realizar a tão esperada conversa com os envolvidos no processo educativo da escola. Neste momento, ela pode novamente expor suas angústias e fazer algumas considerações para os anos posteriores, afinal as histórias tinham saído dos livros e chegado a sua sala de aula.

Nesse momento já não havia mais necessidade de debates e sim planejamento, pois o aluno continuaria na escola e a professora gostaria de não ser mais sozinha. Porém, após sua fala alguns concordaram com suas ideias, outros instigaram falar mais um pouco e teve aqueles que não expressaram emoção, entendimento nenhum. Ficando então a esperança de mais sensibilidade e acolhimento às diferenças.

As férias chegaram. Logo as aulas reiniciaram e uma vizinha do menino procura a professora para relatar que ele ainda brincava com a boneca que ganhou do Papai Noel, demonstrando imenso carinho e nenhum preconceito, parabenizando a atitude da

docente, finalizando a conversa com a frase: “Esse é o jeitinho dele temos que respeitar não é!”

É sim. Respeito acima de tudo.

## Conclusão

Sendo assim, algumas reflexões surgem após trilhar o relato das angústias da professora em questão. Embora, a Educação Infantil trabalhe com um público muito especial, dotados de amorosidade e ingenuidade, sabemos que irão crescer e vivenciar diferentes situações, por isso a importância de já encaminhá-los para o exercício de pensarem criticamente, pois é como nos orientam os documentos de educação: formar cidadãos em meio a interações e brincadeiras.

Logo, podemos perceber que dentro da prática docente, tendo como exemplo o dia a dia desta professora, há momentos que o coletivo se faz presente, assim como a solidão também. Nesse momento que o fazer pedagógico deve ser pensado, repensado, reformulado, afinal estar no coletivo é ótimo, porque há pensamentos diferenciados, práticas mais criativas, vidas se unindo e interagindo, decisões tomadas com mais certezas, porém a solidão traz a luta por uma causa, o evidenciar de uma desigualdade a ser mudada, a necessidade de se enxergar o que muitas vezes pode fazer bagunça, desacomodar o cotidiano já tão rotineiro.

Estar sozinho é ruim!? Nem sempre, não é o ideal, só dá um pouquinho mais de trabalho, pois acreditamos que essa solidão não é para sempre. Ao ser evidenciada, torcemos para que mais pessoas se sensibilizem e se unam a causa em questão, dando força e voz, tornando a vida e trabalho na escola mais prazerosa e produtiva.

Portanto, ser professor é se sensibilizar, é amar, é compreender, é lutar, é mudar, é transformar. Não estamos na escola apenas para ensinar letras e números, e sim para mostrar como podemos ser um só mesmo sendo vários; como podemos ser tão diferentes sendo tão iguais. Estamos na escola para sem receios sermos professores e colocar em prática o que acreditamos ser certo, oportunizando aos alunos de mostrarem, sem medos, o que são, o que gostam. Assim deve ser o espaço escolar.

## Referências

ARCE, Alessandra; SILVA, Debora A.S.M.; VAROTTO, Michele. *Ensinando ciências na educação infantil*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011. 133p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

CECÍLIO, Camila. BNCC na prática: como garantir o direito de Participar na Educação Infantil. *Revista Nova Escola*. Agosto/2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/18179/bncc-na-pratica-como-garantir-o-direito-de-participar-na-educacao-infantil> Acesso em: 18 mar. 2020.

FILHO, Nei Alberto Salles; SALLES, Virgínia Ostroski. *Valores humanos em educação: a complexidade do óbvio na escola do século XXI*. In: EDUCERE, XII, 2015. Congresso Nacional de Educação, PUCPR 26-29/10/2015. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22214\\_9402.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22214_9402.pdf) Acesso em: 25 abr. 2020.

HAMZE, Amélia. *Os Temas Transversais na Escola Básica*. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/os-temas-transversais-na-escola-basica.htm> Acesso em: 04 mai. 2020.

NARLOCH, Leandro. *Sim, existem brinquedos de meninos ou de meninas*. Disponível em: <http://www.ilisp.org/artigos/sim-existem-brinquedos-de-meninos-ou-de-meninas/> Acesso em: 20 out.2017.

PEREIRA, Catrine de Moraes; AGOSTINHO, Kátia Adair. *Fotografia, infância e educação: tessituras da prática docente na educação infantil*. *Atos de Pesquisa em Educação* – ISSN 1809-0354 Blumenau, v. 10, n.3, p.788-808, set./dez. 2015. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/5032> Acesso em: 02 jun. 2019.

SILVA, Gilmar. *Todo brinquedo é de menino e de menina*. Disponível em: <http://paisemapuros.com.br/brinquedo-de-menino-e-de-menina/> Acesso em: 04 mai. 2020.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. *Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder*. Cad. Pagu. n°.33. Campinas July/Dec. 2009.

Recebido em maio de 2020.  
Aprovado em junho de 2020.